

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO, SEXUALIDADE E RELAÇÕES DE GÊNERO

MARIA ELISABETE DA SILVA MARTINI

**CONSTRUINDO UMA CULTURA DE ACOLHIMENTO À DIVERSIDADE SEXUAL:
TRAJETÓRIAS E VIVÊNCIAS DENTRO DA CASA DO ESTUDANTE
UNIVERSITÁRIO DA UFRGS (1990-2010)**

Porto Alegre

2011

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO, SEXUALIDADE E RELAÇÕES DE GÊNERO

**CONSTRUINDO UMA CULTURA DE ACOLHIMENTO À DIVERSIDADE SEXUAL:
TRAJETÓRIAS E VIVÊNCIAS DENTRO DA CASA DO ESTUDANTE
UNIVERSITÁRIO DA UFRGS (1990-2010)**

MARIA ELISABETE DA SILVA MARTINI

Orientador: Prof. Dr. Fernando Seffner

Porto Alegre

2011

AGRADECIMENTOS

Agradeço pela oportunidade que a UFRGS me proporcionou para a realização deste curso, sem ônus.

Aos professores do Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero (GEERGE), pela grande qualificação repassada ao longo do curso e, em especial, ao meu orientador, Prof. Dr. Fernando Seffner.

À minha filha Mariana, pelo incentivo, ao dizer: “Mãe, vai!”.

Ao meu companheiro, Marco Antônio, pela compreensão e por caminhar junto comigo nesta estrada que sabemos é de muitas pedras.

Ao Célio Golin, coordenador do Nuances, pela grande contribuição não somente na obtenção de informações para a realização deste trabalho, mas também pela grande pessoa que faz a luta acontecer e pelo engajamento na política dos direitos sexuais.

À minha grande amiga Beatriz Cunha Bertoja, pelos incentivos e pelas incansáveis trocas de ideias, fortalecendo o seguimento e a finalização deste trabalho.

A todos/as amigos/as que me apoiaram com palavras e a Deus, pois sem ele não sou nada!

“Se vamos ou não continuar a fazer valer uma concepção universal dos direitos humanos em momentos de indignação e incompreensão, precisamente quando pensamos que os outros tomaram-se fora da comunidade humana como a conhecemos, é um teste de nossa própria humanidade”.

Judith Butler

RESUMO

O presente trabalho, de natureza qualitativa, tem como principal objetivo compartilhar vivências de ex-moradores homossexuais da Casa do Estudante Universitário, vinculada à Secretaria de Assistência Estudantil SAE/UFRGS, e a análise dos que lutaram pela livre expressão sexual, com destaque para os moradores homossexuais, que terminaram por organizar um movimento social de luta, depois batizado de Nuances. A proposta deste estudo foi baseada em pesquisas pós-estruturalistas, as quais entendem os sujeitos como produtos de determinadas construções sociais, por considerar as relações de gênero como processos que configuram essas construções no interior do dispositivo da sexualidade. Optei por fazer coleta de histórias vividas por ex-moradores da CEU a partir de depoimentos orais e por correio eletrônico, permitindo, dessa maneira, um diálogo aberto e tranquilo. Neste trabalho, foram abordados acontecimentos que se tornaram marcos históricos e culturais no âmbito das Casas de Estudantes. A análise dos dados permitiu concluir que, a partir de uma consciência crítica, política e social, os moradores, como integrantes de um grupo específico – nesse caso, os homossexuais –, criam formas eficazes de luta e reivindicação, capazes de promover mudanças significativas em sua condição social.

Palavras-chave: Acolhimento. Movimentos sociais. Homossexualidade.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	6
2	MEU LOCAL DE TRABALHO: UM CAMINHO DE QUESTIONAMENTOS.....	8
3	CASA DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS: UMA BREVE ABORDAGEM HISTÓRICA.....	10
3.1	Agitações políticas, formação de lideranças e organização de movimentos sociais nas casas dos estudantes universitários.....	10
3.2	As casas de estudantes da UFRGS.....	11
3.3	Sobre os moradores da Casa do Estudante da UFRGS: vivências e experiências.....	12
3.4	Movimentos que surgiram nas casas de estudantes na busca de independência e autonomia dos grupos na UFRGS.....	14
4	METODOLOGIA DA PESQUISA.....	18
5	REFERENCIAL TEÓRICO.....	20
6	NUANCES: REFLEXÕES POLÍTICAS DA SEXUALIDADE NA CEU.....	24
6.1	As raízes na CEU.....	25
6.2	Estrutura e objetivos do Nuances.....	27
6.3	Manifestações e protestos.....	28
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
	REFERÊNCIAS.....	32
	APÊNDICE A – Entrevistas.....	34
	ANEXO A – Instrumento de Pesquisa.....	39
	ANEXO B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	40
	ANEXO C – Prédios das casas de estudantes da UFRGS.....	41

1 INTRODUÇÃO

O apoio à educação é a base para o desenvolvimento humano e para a liberdade, contribuindo para a transformação social de um país. Exemplos desse apoio são as instituições sem fins lucrativos, como a Casa do Estudante Universitário (CEU), a qual aloja centenas de estudantes que sem ela não teriam acesso ao ensino superior fora de suas cidades de origem. A Casa do Estudante Universitário é um espaço em que existe a liberdade de expressão e o compartilhamento de identidades com os demais moradores. É também o local onde se desencadeia a liberdade de expressão sexual.

Mencionar episódios e sentimentos vividos nesse espaço, como diretora da CEU pelo período de 2004 a 2011, aproximaram-me das questões de conflito que muitos moradores enfrentaram nas suas orientações sexuais. Ao mesmo tempo, busquei compreender a CEU como espaço de relações entre pessoas que convivem cotidianamente, em um envolvimento afetivo íntimo. A escolha do tema foi para que fossem mais bem conhecidos os aspectos particulares dos processos de construção das sexualidades dos ex-moradores e dos movimentos que surgiram, para que fosse configurada a liberdade de expressão sexual.

Durante o processo de escuta aos ex-moradores entrevistados, na Casa do Estudante, precisei compreender com mais detalhamento não somente o que vinha através dos ditos, mas também o que perpassa o discurso, bem como aquilo que fala pelo viés do gesto: o recorte da voz e do corpo. Foi meu momento de construção. O trabalho dentro da casa veio a surpreender-me nos momentos de cada história contada, clareando aos poucos um desejo de fazer ciência, pesquisa e estudos em um campo cuja emergência social já estava gritando pela conquista de um espaço de aceitação e também de convivência espontânea, dando à participação no convívio social a suspensão do ato de rejeição, para contemplar, então, um ato de viver juntos.

O presente trabalho tem como principal objetivo compartilhar vivências de ex-moradores homossexuais da Casa do Estudante Universitário, vinculada à Secretaria de Assistência Estudantil (SAE) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Busco, ainda, mostrar a criação do movimento Nuances na CEU, assim como o seu processo de criação, inserido dentro de uma dinâmica singular,

como ocorrem em outras Casas de Estudantes do Brasil todo ao longo da história, que vêm ao encontro dos movimentos sociais.

Para isso, foi necessário atingir alguns objetivos específicos como: buscar, por meio de leituras, conhecimento sobre movimentos estudantis; analisar os movimentos que lutaram pela livre expressão sexual, com destaque para o Nuances, mostrando a importância de grupos que fizeram acontecer essa livre expressão sexual; e realizar entrevistas com ex-moradores homossexuais. A proposta deste estudo foi baseada em pesquisas pós-estruturalistas, as quais consideram os sujeitos como produtos de determinadas construções sociais, por entender as relações de gênero como processos que configuram tais construções no interior do dispositivo da sexualidade.

2 MEU LOCAL DE TRABALHO: UM CAMINHO DE QUESTIONAMENTOS

Como diretora da CEU no período de 2004 a 2011, estive na função administrativa, tratando de assuntos pertinentes ao cargo. No entanto minha rotina de trabalho não era somente essa. Moradores/as procuravam-me para compartilhar e expor suas ideias, para que eu pudesse estar perto dos seus conflitos e muitas vezes de sua felicidade quando era hora de dizer sim às suas vidas, às suas escolhas efetivas. Comecei, então, a acompanhar atentamente suas posições e seus questionamentos, quanto aos direitos tão perseguidos pelos homossexuais em nossa sociedade e também em momentos dentro da própria moradia estudantil.

Mencionar episódios e sentimentos vividos nesse espaço, como diretora por mais de sete anos, aproxima-me dos conflitos que muitos moradores enfrentam nas suas orientações sexuais. Essas questões, presentes no meu dia a dia, levam-me a referir a afirmação feita por Veiga-Neto (2003), no sentido de marcar que o pesquisador e a temática nunca estão dissociados. Segundo esse autor, tal escolha – como muitas outras e da mesma forma que nossos pensamentos – não é livre, uma vez que está configurada “pelos discursos que nos atravessam desde sempre” (Neto, 2003, p.136)

No contato diário com as questões pessoais dos moradores, houve momentos que me sensibilizaram, e cresceu em mim a necessidade de ajudá-los, acolhê-los, para que suas dúvidas, seus medos, seus conflitos, seus constrangimentos fossem superados. Dessa forma, talvez eles pudessem seguir suas vidas mais felizes, enfrentando as adversidades com menos temores relativos às suas orientações sexuais.

Dentro do espaço de moradia estudantil, analiso a trajetória dos jovens, o enfrentamento no momento de submeter a sua orientação sexual ao grupo de convívio, especificamente na CEU. Minha relação e participação de trabalho foi diretamente realizada nesse local, onde procurei conhecer melhor os aspectos particulares dos processos de construções das sexualidades de tais moradores e dos movimentos que surgiram, para que fosse configurada a expressão de liberdade sexual. Este trabalho se encaminhou, também, para mostrar a CEU como local e palco de um importante movimento social LGBT em Porto Alegre, chamado Nuances.

Ao chegar aqui, no lugar da pessoa, no lugar do profissional e no lugar de pesquisadora, entendo que experiências vividas dentro da Casa de Estudante da UFRGS levaram-me a acreditar na busca de uma pesquisa sobre as diversidades, as dificuldades, as facilidades, as alegrias, os sofrimentos que emocionam quem realmente acredita que é possível contribuir, ajudar e, acima de tudo, amar jovens que buscaram uma caminhada que hoje mostro com muita satisfação neste trabalho de pesquisa. Para tanto, escolho entrevistas, depoimentos, artigos de publicações como o jornal do Nuances. Perseguir um ato político, filosófico e sociológico, para melhor enxergar as diversidades no lugar do discurso, poder olhar essas pessoas com quem convivi para a construção deste trabalho é poder olhar aquilo que elas têm de mais precioso e raro: o desejo. Oportuniza-me trazer à luz suas lutas e suas conquistas. Nesse sentido, passo a assumir o lugar de pesquisadora e a navegar em outras formas possíveis de olhar, ler, criticar, defender e aprender o que acontece em minha volta.

Aproveito a minha experiência, meus registros e, fundamentalmente, a palavra de cada entrevistado – simbolização diante de suas trajetórias – para ir à busca de outras verdades contidas nos desejos das singularidades e dos modos diferentes de ser e de viver. Vejo a CEU como um lugar decifrado de desejos, mágoas e sonhos, ou lugar onde um conta para outro, o que, para cada um deles, precisa ser contado.

Percebo o quanto são instigantes as misturas, o desejo, o poder dos movimentos para conseguir dizer e mostrar seus sentimentos, seu modo de viver para uma sociedade que não quer aceitar as diversidades. Acredito que as relações dentro de uma casa de estudante devam ser pautadas por princípios como igualdade e solidariedade, assim como valores que formam uma visão social de mundo com impacto importante nos significados presentes nas casas.

3 CASA DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS: UMA BREVE ABORDAGEM HISTÓRICA

As casas de estudantes no Brasil serviram como locais estratégicos de refúgio e resistência, durante o período da ditadura civil-militar (1964-1985). Em 1987, o movimento articulou-se nacionalmente com a criação da Secretaria Nacional de Casas de Estudantes (SENCE), cujo objetivo principal é coordenar a luta das moradias estudantis pela formulação de uma política nacional de assistência estudantil, bem como o ensino público e gratuito de qualidade, seu reconhecimento e a assistência por parte dos governos e instituições de Ensino Superior. A SENCE é uma organização apartidária, que visa a integrar e conscientizar estudantes e a sociedade em geral, quando possível, sobre seu papel nas políticas educacionais públicas, lutar por melhorias dessas e apoiar e integrar o combate às variadas formas de preconceito e opressão.

Embora a diversidade, em todos os aspectos, seja da realidade de uma casa de estudante, existem características que são peculiares e estão necessariamente vinculadas a elas. A primeira é que a casa do estudante é ocupada por estudantes universitários que vêm de outras cidades ou países, deixando suas famílias. Outra é a condição socioeconômica desses estudantes que determina a busca por moradia coletiva e sem custos. Assim, as casas estudantis reúnem pessoas que investem em escolarização como forma de encaminhar suas vidas em busca de uma carreira, tendo, para isso, que deixar seu lugar de origem, afastando-se de suas famílias para morar com outras pessoas em condições semelhantes.

3.1 Agitações políticas, formação de lideranças e organização de movimentos sociais nas casas dos estudantes universitários

Não é a consciência dos homens o que determina o seu ser, mas ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência. (MARX, 1983, p. 29-30).

As casas dos estudantes foram criando espaço e conquista, através do Movimento de Casas de Estudantes (MCE), iniciando com forças voltadas tão somente à estruturação necessária dos seus moradores, que no momento criado pertenciam à classe de maior poder aquisitivo da sociedade. Ao longo dos anos, o referido movimento teve suas bases modificadas.

O MCE tem origem no período imperial, século XIX, quando estudantes de ideários republicanos uniram-se, formando as primeiras repúblicas. Com o passar do tempo e com necessidades surgidas, o MCE foi reformulado pelas lutas sociais que têm como bandeira principal a igualdade, diferenças socioeconômicas no setor da educação. O MCE possui raras informações históricas, o que dificultou bastante o resgate de suas bases iniciais. Boa parte dos documentos encontra-se espalhado por casas de estudantes em todo o Brasil, sem contar os que ‘desapareceram’ no período da ditadura militar.

A CEU, por estar geograficamente localizada no Campus Centro da UFRGS e por ser a casa que abriga o maior número de moradores, teve um Diretório Central dos Estudantes (DCE) na vanguarda política e, por estar na mesma área física, com tendências diretamente ligadas às práticas políticas e ideológicas. Os movimentos estudantis foram e são consolidados através de reivindicações, protestos e manifestações, o que influencia significativamente os rumos da política estudantil.

A influência política levou alguns moradores a tornarem-se figuras importantes, como o prefeito de Porto Alegre José Fortunati. Como já foi citado, alguns moradores vêm de outras cidades, muitas delas com baixa população, sem acesso aos meios de comunicação, ao conhecimento político, dificultando diretamente o relacionamento social com os demais. Ao longo do percurso e durante a convivência na moradia estudantil, torna-se imperiosa a necessidade de interagir com os grupos, para que aconteça a socialização, visando ao reconhecimento dos seus direitos políticos e sociais.

Percebo que moradores com perfil mais politizado diferenciam-se rapidamente do grande grupo, e defendem ideologias ligadas à esquerda, ou seja, projetos socialistas de transformação social, tanto nas questões de moradia como políticas do meio universitário.

3.2 As casas de estudantes da UFRGS

A Casa do Estudante Universitário (CEU) foi inaugurada em 27 de julho de 1971 e está localizada na Avenida João Pessoa, número 41. Ela tem um site em

formato de blog¹, com informações, cartas de manifestos, regimento e outros assuntos afins sobre a casa e seus moradores. Possui 396 vagas para estudantes.

A Casa do Estudante da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CEUFRGS) foi inaugurada em 1º de agosto de 1977 e está localizada na Rua São Manoel, número 573, com 42 vagas.

A Casa do Estudante das Faculdades de Agronomia e Veterinária (Cefav), localizada na Avenida Bento Gonçalves, s/n, oferece 102 vagas e foi inaugurada em 1971. Ela também possui um blog² para discussões internas e externas sobre as questões pertinentes à casa, informações de vagas e atualizações de moradores. A CEUFRGS e a Cefav funcionam sob regime de autogestão, estando vinculadas à Secretaria de Assistência Estudantil (SAE).

Durante toda a história da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a questão da moradia estudantil esteve sempre presente às discussões realizadas tanto na administração da universidade quanto entre seus estudantes. Com dificuldades e solicitando auxílio a diversas pessoas e instituições, foi possível a constituição de algumas casas de estudantes. A UFRGS ergueu os prédios da Casa do Estudante Universitário (CEU) e da Casa do Estudante das Faculdades de Agronomia e Veterinária (Cefav). Mais tarde, cedeu o prédio onde hoje se acha instalada a Casa do Estudante da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CEUFRGS).

3.3 Sobre os moradores da Casa do Estudante da UFRGS: vivências e experiências

Os estudantes são oriundos de famílias de baixa renda, vindos de todo o interior do Rio Grande do Sul e de outros estados da federação. Atualmente, passam por uma avaliação socioeconômica que se realiza através de edital em modalidade semestral, por servidoras assistentes sociais e psicólogas lotadas na SAE. Os critérios dos novos moradores foram estabelecidos pela Reitoria da universidade, na época da fundação da casa. Após a entrada dos alunos, busca-se fazer acompanhamento quanto às suas necessidades no que diz respeito a:

¹ Disponível em: <<http://ceufrgs.blogspot.com>>.

² Disponível em: <<http://cefav.wordpress.com>>.

convivência grupal, etapa de desenvolvimento pessoal e relação com a moradia estudantil.

O atendimento ao morador assegura a moradia não apenas sob o ponto de vista material, mas quanto à inserção do aluno contemplado no novo meio em que passa a conviver. Muitos buscam ajuda, apresentando dificuldades diversas: adaptação, convívio e discriminação, seja por gênero, raça, religião e orientação sexual.

No processo de adaptação na moradia estudantil, do jovem universitário é exigido que assuma as responsabilidades pelos próprios atos, lidar com a mudança, conseguir desenvolver autonomia e gerenciar adequadamente seu tempo e as situações de estresse. Em suma, que tenha maturidade para tais condições.

Pensar que esses alunos estão passando por essa fase de vida, quais são as suas expectativas com relação ao curso, à instituição e à convivência com os grupos e companheiro/a de quarto, está longe de ser uma tarefa fácil, principalmente se considerarmos a heterogeneidade dos moradores que, como já foi citado, vêm de cidades, famílias, culturas, etnias, raças e orientações sexuais diferentes. A etapa 'moradia' é, na verdade, sua residência (deverá ser), já que saem da casa de seus pais para residir em outra cidade, com pessoas nunca vistas e aí permanecer por aproximadamente cinco anos.

Os jovens moradores da CEU chegam com dificuldades financeiras e geográficas e buscam no curso superior um modo de serem diferentes ou de estarem em condições diferentes daquelas que tinham antes, saindo de suas casas para estudar. Eles buscam na universidade o caminho para uma mudança significativa em suas vidas.

As casas estudantis representam o meio pelo qual o acesso à universidade é viabilizado. Elas estão carregadas de significados que ajudam a compor a trajetória do curso, fornecendo representações em assistência estudantil, direito, coletividade, movimento estudantil e universidade.

Na busca por incluírem-se, os jovens moradores das casas de estudantes, mais do que outros universitários, deparam-se com uma visão social de mundo perpassada por ideologias da luta estudantil, em que a sociedade é contestada. Trata-se de uma juventude que busca se fazer presente como luta, por meio de organizações coletivas, manifestações e reivindicações. Essa é uma das contradições enfrentadas pelos jovens moradores, que constroem sentidos

particulares, muitas vezes divergentes dos significados gerais construídos nas casas.

Nos movimentos e nos deslocamentos, cada um se apropria a seu modo do espaço, construindo imagens, identidades e o sentimento de pertencimento que se manifesta com certa rapidez para alguns e com muita cautela para outros, na tentativa de estabelecer laços, criando referenciais e procurando parcerias conforme as identificações.

3.4 Movimentos que surgiram nas casas de estudantes na busca de independência e autonomia dos grupos na UFRGS

O que faz andar o barco não é a vela enfunada, mas o vento que não se vê.
(PLATÃO)

Sou estudante do curso de história da UFRGS e no segundo semestre de 2009 entrei na Casa do Estudante Universitário. A CEU-UFRGS é local de moradia para 396 jovens vindos do interior do Rio Grande do Sul e de outras regiões do país. Jovens estudantes de 18 a 30 anos, aproximadamente, que estão em Porto Alegre para fazer um curso de graduação e fazem da casa um ponto de encontro rico dentro da universidade. Um local para troca de saberes e experiências. A AMCEU (Associação de Moradores da Casa do Estudante Universitário), formada em 2008 e que eu tive a oportunidade de conhecer e participar a partir de 2010, foi uma associação formada dos mais variados cursos e com as mais variadas ideias e pensamentos de organização distintos - que através do trabalho coletivo buscava melhorias na casa do estudante e estreitava o caminho entre moradores da casa e administração. Nesse espaço são debatidos assuntos desde a regulamentação de festas e confraternizações até problemas de infraestrutura e melhorias da casa. (Cláudio Klippel, estudante de história).

A AMCEU é a entidade de representação dos estudantes que moram na CEU, cujos membros são escolhidos através de eleição formada por chapas. A constituição desse grupo é de extrema importância para os moradores, para a administração da CEU, assim como para a Secretaria de Assistência Estudantil (SAE), pois são discutidos e avaliados diversos segmentos de cunho político, social e administrativo referentes aos interesses demandados pelos moradores. São formadas ações coletivas através de comissões de lazer e cultura a fim de promover a integração dos que lá residem.

A AMCEU também proporciona, em conjunto com os moradores, programações como oficinas, atividades culturais, grupo de danças, reuniões para debates da vida acadêmica e política entre outros. A chamada sala 'X' é o espaço para esses encontros. A AMCEU recebe, juntamente com a administração da casa,

os novos moradores, colaborando na distribuição dos quartos e mostrando as instalações da casa, recepcionando-os junto à administração da CEU.

No período em que coordenei a CEU, mantive um excelente trabalho de parceria com esse grupo, realizando reuniões, executando tarefas em conjunto, formando ideias, enfim, uma parceira que considerei indispensável para as minhas rotinas administrativas.

Não há como esquecer que, no Brasil, os estudantes destacam-se ao longo da história pelo ativismo político, através da militância em movimentos organizados que influenciaram a vida e a cultura nacionais. As lutas por mudanças, relacionadas às reivindicações dos estudantes, intensificaram-se na UFRGS com o passar dos anos.

Um dos importantes movimentos foi a entrada das mulheres na CEU. Abriu-se o debate às questões de gênero no ambiente como forma de direito à moradia. Em 29 de abril de 1980, as mulheres ocuparam a CEU como forma de reivindicar o direito de moradia. Até então, todas as vagas da casa restringiam-se às pessoas do sexo masculino. A possibilidade de entrada das mulheres na CEU foi um marco histórico para a UFRGS, precedida de mobilização e luta para a sua concretização. Atualmente, existe na UFRGS um grupo composto por alunos/as, com a participação de alguns moradores da CEU, chamado de ‘Coletivo das Mulheres’.



Figura 1 – Cartaz de comemoração dos 30 anos de ocupação da CEU pelas mulheres
Fonte: E-mail pessoal

As três casas fizeram movimentos, assembleias, reuniões com a Administração Central para a aceitação e a deliberação da entrada de mulheres nas

casas. No ano de 1980, ocorreu a invasão feminina à CEU, porém a presença feminina ainda não seria autorizada. Isso somente aconteceu quando a Cefav e a CEUFRGS tiveram permissão para aceitar estudantes do sexo feminino.

Receber uma mulher em nossa casa, seja amiga, namorada, fazer parte da construção de um mundo mais sadio, sem os “ratos” da DOPS a nos vigiar. Lembro de um filme que exemplificava o nosso momento: A Vida Bryan, do Grupo Monte Python, em que tinha movimentos políticos para tudo que era lado, até os homossexuais, que lutavam pelo direito de parir filhos, mesmo que a natureza não o permitisse, o mais importante era conquistar o direito de. (Osmar Rodigheri, ex-morador da CEU, 1975).

Via-se o rigor do regimento não somente na área interna como também na externa. A primeira mulher que não era funcionária a entrar na CEU foi a mãe de um morador, como mostra o depoimento abaixo:

Até o início da década de 80, as mulheres (com exceção das encarregadas da limpeza) estavam proibidas de adentrar aos recintos da CEU. Um forte esquema existente no primeiro andar impossibilitava que qualquer visita feminina ultrapassasse os limites da portaria. O incrível é que acabei sendo o protagonista do episódio que envolveu a primeira mulher que formalmente ultrapassou a barreira do Rangel, do João e de outros queridos “vigilantes” da portaria. Ao disputar uma partida de futebol, rompi os ligamentos da perna esquerda, o que resultou na necessidade de permanecer com a perna engessada durante dois meses. Nos primeiros dias ficava imobilizado na cama no quarto 808. Minha mãe veio, então, de Flores da Cunha, minha cidade, para me visitar. Foi impedida de acessar o meu quarto. Como não podia me deslocar, surgiu o impasse. Logo, vários moradores [...] passaram a exigir da administração da CEU a autorização para que minha mãe pudesse ir até o quarto. Depois de muita polêmica e pressão, finalmente a autorização acabou sendo dada. Um dia histórico para a CEU que, posteriormente, através de uma “invasão” organizada, passou a contar com mulheres entre os seus inquilinos. (José Fortunati, ex-morador).

Foi nos anos 1980 também que, em represália a um corte de bolsas de 40 moradores, houve a libertação do regime imposto através de uma massiva assembleia geral, com a seguinte pauta: pelo livre acesso feminino à CEU, contra a discriminação sexual e pelo fim da repressão aos moradores. Essa história é contada no livro ‘As casas de estudantes da UFRGS’, publicação organizada em comemoração aos 70 anos da UFRGS e da primeira Casa do Estudante do Rio Grande do Sul.

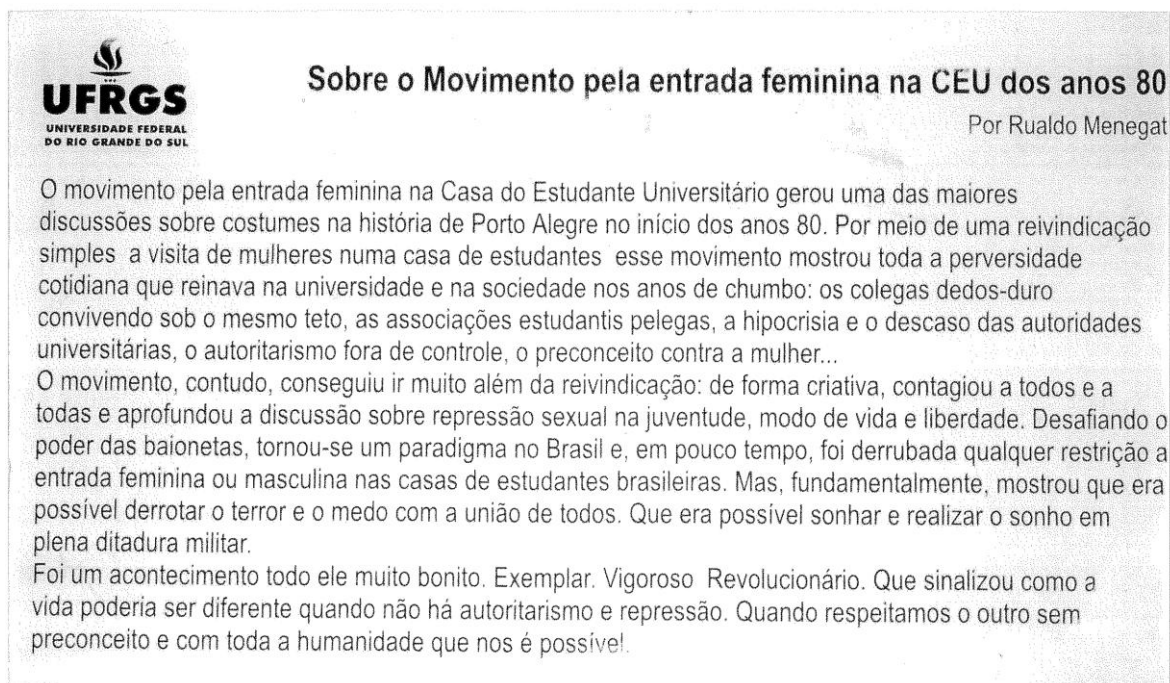


Figura 2 – Depoimento para o Projeto Unimemória, Programa Unicultura, do Depto. de Difusão Cultural da Pró-Reitoria de Extensão da UFRGS, realizado no dia 17 de dezembro de 2003.
Fonte: Rualdo Menegat.

As casas de estudantes guardam histórias e estórias, as quais, por um lado, refletem as transformações culturais e sociais do Rio Grande do Sul e, por outro, constituem um universo paralelo, construído com a participação de moradores oriundos de diversas localidades. Nesse contexto, busquei abordar neste trabalho a narrativa de acontecimentos que ocorreram e tornaram-se marcos históricos e culturais no âmbito das casas de estudantes.

Pode-se falar da casa e dos moradores hoje residentes, mas há de permanecer na memória todos aqueles que por lá passaram, lutaram por objetivos e sonhos que se concretizaram, lutas em prol da casa e da universidade, assim como não há como esquecer a luta pela entrada feminina da CEU. Pretendo mostrar a importância de grupos que fizeram a história, grupos que fizeram acontecer a livre expressão sexual dentro da CEU, como o Nuances.

4 METODOLOGIA DA PESQUISA

Para a realização deste estudo, foram feitas pesquisas bibliográficas, coleta de dados sobre casas de estudantes universitários no Brasil e na UFRGS. Foi feita uma visitação à sede do Nuances a fim de conhecer sua estrutura e buscar artigos para enriquecer o conhecimento sobre o grupo, visto que ele foi de grande importância para a elaboração deste trabalho.

Elaborar roteiros de entrevistas e formular perguntas podem, inicialmente, parecer tarefas simples. Na prática, no entanto, quando dependem de fundamentação metodológica e teórica, são mais complicadas.

Optei por fazer coleta de depoimentos orais e por correio eletrônico de ex-moradores da CEU, permitindo, dessa maneira, um diálogo aberto e tranquilo, o que amenizou o fato de eu ser uma pesquisadora iniciante. De acordo com Velho (1986, p. 16), o risco existe sempre que um pesquisador lida com indivíduos próximos, às vezes conhecidos, com os quais compartilha preocupações, valores, gostos e concepções. No entanto assinala que, quando se decide tomar sua própria sociedade como objeto de pesquisa, é preciso sempre ter em mente que a sua subjetividade precisa ser incorporada ao processo de conhecimento desencadeado, o que não significa abrir mão do compromisso com a obtenção de um conhecimento mais ou menos objetivo, mas buscar as formas mais adequadas de lidar com o objeto de pesquisa.

A escolha por entrevistas qualitativas deu-se em virtude de que elas possibilitam uma maior ligação do entrevistador com o entrevistado e uma maior elasticidade quanto à sua duração. Esse tipo de entrevista é exploratório e estimula que o entrevistado pense livremente sobre o tema. Quanto menos estruturada a entrevista, maior será o favorecimento de uma troca espontânea entre ambos, com maior liberdade e possibilidade de respostas francas. Posturas mais formais, com perguntas e respostas diretas, não permitem o conforto necessário para os relatos do tema em questão. As entrevistas orais qualitativas, de forma semiestruturada, são técnicas metodológicas que supõem uma conversação continuada que deve ser dirigida sobre o objeto de interesse.

Para Triviños (1987, p. 146), esse tipo de entrevista “[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de

sua totalidade”, assim como permite o acúmulo de um rico material para análise, pois possibilita a demonstração de vivências, interesses, angústias e esperanças.

Um questionamento que se demanda fazer é: qual é a relevância de cinco entrevistas em um universo de quase 500 moradores em uma casa de estudante? A resposta possível é que eles são e fazem a diferença, pois se diferenciam e se destacam num ambiente ao marcarem a identidade gay em seus corpos, em suas atitudes, em sua forma de ver o mundo e ver os outros. Principalmente, mostraram-se dispostos a falar de seus embates cotidianos que, muitas vezes, os desvalorizaram no meio como desviantes. Além disso, os entrevistados escolhidos foram aquelas pessoas que, ao morar na casa, por motivos sociais e econômicos, terminaram por organizar um movimento social, motivo pelo qual o interesse por este trabalho foi direcionado para o Nuances.

O roteiro foi a base para a realização das entrevistas, contudo nem todos os itens foram respondidos pelos entrevistados, devido ao fato de que as entrevistas orais tiveram caráter informal. Foram realizadas cinco entrevistas, sendo duas por e-mail e três orais, realizadas durante os meses de março a abril de 2011.

Para compor este trabalho, foi também realizada uma entrevista com a primeira assistente social da CEU, indicada pelo Reitor na época da fundação da casa, em 1971. Após um ano de trabalho, foi contratada oficialmente pela UFRGS, quando a assistência estudantil foi oficialmente regulamentada. Sua relevância se demonstra no fato de ter sido a primeira mulher a trabalhar interna e diretamente com os moradores. Os nomes foram omitidos para preservar a identidade dos entrevistados, utilizando-se nomes fictícios. Mantiveram-se apenas os nomes de duas pessoas públicas: Célio Golin, coordenador do Nuances, e a assistente social Vera Schmitt.

5 REFERENCIAL TEÓRICO

O percurso que se passou durante este curso de especialização em Educação, Sexualidade e Relações de Gênero foi extremamente rico. Contudo também houve muitos momentos de muita tensão. Foi necessário, então, fazer a reflexão sobre a rotina que incitou a procura do referencial teórico. Durante as entrevistas, procurei ouvir, pensar e falar sem intervir nas respostas dos entrevistados, para que não houvesse nenhuma situação que ocasionasse desconforto para o entrevistado e para o entrevistador. Pesquisas e leituras sobre movimentos consensuais, a exploração de resultados que pudessem acrescentar embasamentos teóricos na luta pela igualdade, me fizeram sentir apaixonada pela história das vidas de jovens universitários e moradores da CEU.

O apaixonamento não é novo, tem história, a qual iniciou de forma direta com o desejo que é possível dizer mais “interno” do sujeito. Aqui o “interno” é literalmente entre aspas, pois indica, como ensinou Foucault (1993), a subjetividade, o desejo como vontade de potência, vontade de conhecimento, de aprofundamento em um tipo de trabalho, vivências e aprendizados.

Desde a década de 1980, a homossexualidade deixou de ser considerada uma doença, sendo excluída do catálogo oficial de doenças da Organização Mundial da Saúde (OMS). No entanto ainda nos deparamos com a discriminação às pessoas homossexuais, classificadas e denominadas fora do ‘padrão vigente’. Em razão disso, é omitida a orientação sexual para ser aceito e não fazer parte daqueles que são objeto de xingamento. Esse calar no âmbito doméstico, em quase todos os casos, é estendido para o âmbito social. Entretanto muitas vezes, nas escolas, nas festas e nos contatos com outras pessoas, o homossexual depara-se com pessoas (iguais a ele) que têm a mesma orientação sexual.

Embora a sexualidade seja uma parte importante da vida das pessoas, essa rica e diversa experiência humana é, com demasiada frequência, reduzida a informações factuais, alertas ameaçadores e instruções do que não deve ser feito. Por que os direitos sexuais são direitos humanos? Os direitos sexuais não são menos importantes do que os direitos à educação, à saúde ou ao trabalho; os direitos sexuais são todos esses direitos.

O otimismo no campo jurídico revela-se, em escala global, como uma estratégia muito importante para o movimento das pessoas LGBT. São ações que

visam a revogar legislações discriminatórias e estabelecer marcos de proteção que penalizam a discriminação por motivo de sexo ou orientação sexual. A situação atual, no que se refere aos direitos dos homossexuais, pode ser analisada sob várias perspectivas. Estas podem incluir sucessos e fracassos dos limites e das possibilidades, assim como do reconhecimento formal desses direitos pelo estado.

Nessa dinâmica que considero tão complexa, todas as pessoas têm de vincular iniciativas, especialidades e esforços para construir uma sociedade na qual a não discriminação e a liberdade de expressão sexual sejam não somente princípios jurídicos e políticos, como também alternativas concretas para todas as pessoas. A sexualidade pode ser abordada por diversos aspectos, dada a sua complexidade e a sua importância em todas as dimensões da vida humana.

Para Foucault (2000, p. 229), foi a partir do cristianismo que o ocidente afirmou “para saber quem és, conheças teu sexo”. Judith Butler (2003, p.25) argumenta quanto à performatividade do gênero: “O gênero não é escrito no corpo como este fosse um meio passivo, sobre o qual se inscrevem os significados culturais”. Ela empreende uma longa observação dos modos através dos quais as fábulas de gênero estabelecem e fazem circular sua denominação errônea de fatos naturais, questionando os impasses de definirmos o gênero como uma interpretação cultural do sexo.

Ao ingressar no mundo do trabalho escolar e em outros, muitas vezes, nos deparamos com um ambiente hostil, que faz com que a grande maioria opte em não revelar a sua condição, contribuindo para a chamada ‘invisibilidade homossexual’. Esta decorre do fato de que, como a homossexualidade não se revela por características externas e fisicamente identificáveis (como a cor ou o sexo, por exemplo), a maioria dos homossexuais evita manifestações públicas de sua orientação sexual, a fim de evitar as reações discriminatórias que, de regra, acompanham essa posição, segundo Rios (2002).

É importante salientar que existe atualmente uma enorme diversificação de pessoas na construção dos movimentos homossexuais com a participação de todos os setores da sociedade, com a participação de negros/as, pessoas das mais diversas religiões, feministas, jovens e adolescentes, estudantes e universitários/as, entre tantos outros que se dedicam diariamente na construção da cidadania plena dos grupos homossexuais.

É necessário registrar a participação de um ex-morador da CEU no 5º Encontro Brasileiro de Homossexuais (EBHO), no ano de 1986, na cidade de Recife. A importância do evento está documentada em texto escrito por Célio Golin, intitulado 'Surge o primeiro grupo guei no RS', como mostra a seguinte citação:

Fiquei bem curioso de saber daquele encontro. No meio de algumas cervejas o papo ia fluindo e fomos nos identificando nas ideias. Falamos muito, sobre sexualidade e é claro a questão guei foi a tônica. Discutimos a possibilidade de criar um grupo de pessoas com o objetivo de discutir as questões referentes à homossexualidade. Conhecemos outras pessoas que moravam na casa, falamos sobre a ideia de criar um grupo para discutir sexualidade. Fizemos duas a três reuniões na sala que ficava no 2º andar da CEU, que era usada pelos moradores, inclusive ali naquela sala aconteceram algumas festas. Outros grupos de estudantes com outras demandas também se reuniam nesta sala. Nesta época também comecei a frequentar o Gapa. Durante as conversas ainda na CEU, Glademir sugeriu que o nome do grupo fosse MHG - Movimento Homossexual Gaúcho. Depois já com as reuniões acontecendo na garagem do gapa, mudamos o nome para **Nuances, grupo pela livre orientação sexual - Construindo Cidadania** por entender que MHG seria um nome muito forte e pretensioso e poderia chamar os holofotes. Neste momento estávamos mais num processo organizativo. [...] A assembleia de fundação do Nuances aconteceu no dia 21 de novembro de 1993 com a presença de 22 pessoas. Neste primeiro momento a tônica das discussões era falar de questões pessoais, praticamente uma terapia em grupo. Isto incomodava muitos, pois algumas pessoas, entre elas eu, achávamos já na época que o enfoque deveria ser mais político e de cunho social. (GOLIN, 2011a).

Na época da criação do grupo Nuances, as pessoas questionavam o valor da luta pela conquista política com a bandeira da homossexualidade, tanto que o primeiro passo foi a articulação social, propondo debates para a definição dos caminhos da livre expressão sexual que a clandestinidade não permitia e omitia.

Os desafios políticos da época, no ano de 1991, foram marcados pela epidemia da aids no Brasil e pelo fato de os homossexuais terem sido um grupo social fortemente atingido na fase inicial dessa epidemia. Diferentes instituições (a mídia, por exemplo) favoreceram a difusão do imaginário sobre a aids como 'peste gay' ou 'câncer gay'. Isso foi decisivo para a revisão dos desafios homossexuais brasileiros, sendo o Nuances uma das organizações que colocava o trabalho de reflexão e de enfrentamento desses desafios em pauta.

As organizações do movimento homossexual brasileiro vinham assumindo perfis institucionais diferenciados em relação a organizações pioneiras e redirecionavam seus objetivos e práticas políticas. O debate político sempre foi pautado em: o que é democracia na sociedade, o que é direito do indivíduo e o que é direito do uso do corpo.

A hipótese de Foucault (1993) é que há, a partir do século XVIII, uma proliferação de discursos sobre sexo. Diz ele que foi o próprio poder que incitou essa proliferação de discursos através de instituições como a igreja, a escola, a família e o consultório médico. Tais instituições não buscavam proibir a prática sexual, apenas desejavam deter o controle do indivíduo e da população.

6 NUANCES: REFLEXÕES POLÍTICAS DA SEXUALIDADE NA CEU

A arma mais poderosa nas mãos do opressor é a mente do oprimido. (Steve BIKO).

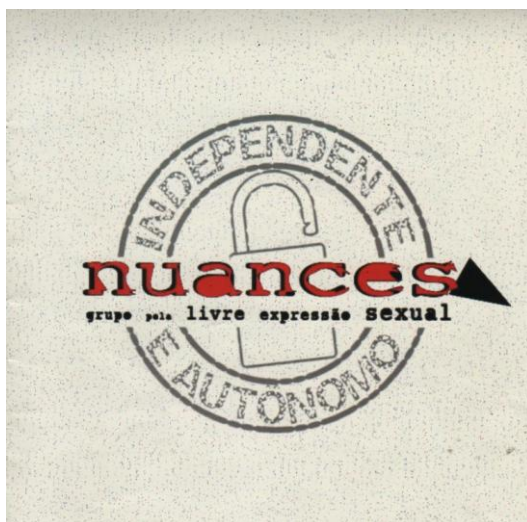


Figura 3 – Símbolo do grupo Nuances

Fonte: Revista produzida para o Fórum Social Mundial Porto Alegre/RS (jan. 2005)

O Nuances foi pioneiro no RS, no debate em torno da sexualidade e homofobia e é hoje uma referência que vai muito além das questões relacionadas ao povo homossexual. (GOLIN, 2011b).

A necessidade da formação de um movimento social provém unicamente da existência de personagens descontentes com a forma pela qual são percebidos e tratados pelas esferas públicas e pelas instituições privadas. Se existe necessidade de elaboração de estratégias é porque existem opositores e anseios.

As opressões sempre são geradas a partir de um movimento em cadeia, responsável por sua perpetuação. É preciso revelar a luta de grupos, em que há fortes opressores e uma imensa massa oprimida. Refiro-me, aqui, aos direitos sexuais dos grupos GLBTT. Algumas coisas mudaram, o Nuances ganhou notoriedade e marcou importante parte da história do movimento homossexual gaúcho. Isso só se tornou possível quando os militantes, na situação de oprimidos, lutaram para libertar-se da discriminação em que viviam, levantando a bandeira para modificar as estruturas do sistema opressor.



Figura 4 – Movimento do Nuances
Fonte: Arquivos do Nuances

[...] Fiz uma observação que denunciava a postura preconceituosa de um grupo de moradores em relação a uma moradora negra e me coloquei como futura vítima e fui aplaudido. Não esperava esta reação e no momento consegui observar que as pessoas aplaudiam meu discurso com as mãos abaixo do nível das cadeiras. Detectei neste momento que, apesar de concordar, muitas pessoas não conseguiam assumir suas posturas. [...] (Entrevista nº 2).

Qualquer tipo de preconceito é nocivo, perverso e deve ser eliminado das relações humanas. O preconceito sexual deve ser denunciado e excluído de toda forma de ação do Estado ou de políticas públicas, fazendo uma transformação radical na estrutura da sociedade.

6.1 As raízes na CEU

Em meados de 1991, o Nuances foi formado por moradores da CEU com o objetivo de refletir sobre questões referentes à homossexualidade. Criou ações reflexivas voltadas para a defesa dos direitos humanos dos homossexuais, agindo com a intenção e a proposição de leis, visto que são importantes ferramentas na luta pela igualdade, no encaminhamento e no acompanhamento de denúncias.

Quando foi criado o Nuances, os moradores da CEU tinham resistência na fala sobre sexualidade. Ao mesmo tempo, existia a necessidade de constituírem debates sobre as questões pertinentes a suas vidas, ou seja, fazer acontecer o

rompimento da clandestinidade que traziam das suas famílias conservadoras (em sua maioria de descendência alemã e italiana), omitindo severamente sua orientação sexual.

[...] Lembro que quando alguns curiosos moradores da CEU me perguntavam sobre como era ser gay (como se eu fosse um deficiente), se eu tinha conflitos, se minha família sabia ou se aceitavam, dizia que mais difícil que aceitar meus desejos e assumir minha identidade homossexual, era saber que muitos que lá estavam também gostariam de se expressar e mostrar sua vida como eu, pois eu sabia da minha existência e isso que era o mais importante. (Entrevista nº 4).

Os 'nuanceiros' fomentaram uma política de educação e cultura comprometida com a diversidade das expressões sexuais, presentes no debate acadêmico e militante de gênero e dos direitos humanos. Não basta ter direitos, é preciso fazê-los valer. A luta inicia com o duro processo de conscientização, a partir do qual aqueles que antes lamentavam a sua condição passaram a reconhecer-se como sujeitos de suas próprias histórias.

A CEU era um lugar privilegiado para isso, pois além do movimento vivido como estudantes, o próprio espaço físico aproximava e misturava as pessoas, proporcionando a todos o momento de discussões, de debates, disputas, flertes, trocas e muita politicagem também. (GOLIN, 2011a, p. 7).

Quando surgiu o Nuances, grupo pela livre expressão sexual, no ano de 1991, muitas pessoas questionavam a validade de se fazer uma luta política com o tema das sexualidades, e principalmente se tratando de gueis, lésbicas, travestis e homossexuais. Nós do Nuances sabíamos que o processo que excluía esses sujeitos do direito à cidadania tinha e tem razões históricas. A história é algo vivo e passível de mudança, e depende do contexto e de seus atores políticos envolvidos. O primeiro passo foi se articular politicamente e propor o debate político, rompendo com a clandestinidade que o tema sempre foi tratado. [...] Não podemos deixar de salientar que a sexualidade humana sempre foi alvo de muita disputa, por se tratar de uma das manifestações mais importantes da vida das pessoas e por consequência da própria sociedade. (GOLIN, 2011b).

Depois de reuniões e discussões sobre como dariam vida a esse grupo, foi sugerido por um dos membros que o nome fosse MHG (Movimento Homossexual Gaúcho). Após outras discussões o nome que melhor descreveu-o foi Nuances, grupo pela livre orientação sexual. O GAPA emprestava a garagem, onde, aos domingos pela tarde, os moradores participavam, faziam pauta relacionada ao preconceito e a questões de organização do futuro e da construção do movimento.

[...] Foi lá que iniciamos o Nuances (apesar de depois termos levado os materiais que ficavam nas estantes do quarto para a sede cedida do Gapa/RS); claro que houve uma mobilização coletiva em torno da ideia de

formação de um grupo mais libertário em torno do tema das sexualidades (as nuances da sexualidade). [...] (Entrevista nº 3).

Após vários debates, o grupo teve sua fundação oficial com registro em cartório somente no ano de 1993. Assim, a construção do Nuances crescia ativamente, com participação dos homossexuais nas questões culturais, políticas e sexuais de uma forma ampla. Além das demandas próprias da CEU, o grupo tinha interesse em mapear os moradores mais interessados – gays, heterossexuais, lésbicas e outros – que tinham uma identificação ideológica sobre os interesses de vida (política estudantil, social e partidária).

Em janeiro de 1998 foi criado o Jornal do Nuances, sendo um veículo para difusão da reflexão e da luta política ‘nuanceira’, em favor da construção social do sujeito homossexual. Nesse sentido, a publicação representa uma das inúmeras manifestações da crescente visibilidade pública que os homossexuais vêm alcançando nas sociedades contemporâneas. No Jornal do Nuances, as questões do movimento homossexual brasileiro são vistas como um dos aspectos da política de grupo.

Conforme citado no texto ‘Surge o primeiro grupo guei no RS’, escrito por Célio Golin, “a casa era um espaço de muitas descobertas fora das regras familiares, o que ajudava muitas pessoas a se assumirem [...]”. Então se observa que, nos 1980 e 90, os moradores homossexuais da CEU sonhavam com a liberdade da expressão sexual, pois traziam de suas raízes familiares o desejo reprimido, a vida escondida e o sofrimento latente por não conseguirem realizar o direito de transparecer sua escolha. O desejo de construir aquela imagem que não lhe pertencia trazia a vontade de gritar mais alto.

6.2 Estrutura e objetivos do Nuances

O grupo Nuances traçou alguns objetivos que servem para orientar suas ações:

- Promover o acesso à justiça, nos casos de discriminação e outras violências motivadas por homofobia;
- Contribuir para o fortalecimento das ações de combate à discriminação e outras violências, através da ampliação dos espaços de interlocução sobre direitos humanos e a livre expressão sexual;
- Colaborar para o desenvolvimento das ações dos direitos humanos.

6.3 Manifestações e protestos

Mobilização social, através de protestos para romper o silêncio, é a estratégia que o Nuances contrapõe a atitudes de preconceitos sociais.

A 1ª Parada Livre foi construída em 1997 pelo Nuances. As manifestações sociais e individuais repercutem até hoje pelas várias esferas da sociedade. Proporcionado uma discussão pública e livre sobre o uso do corpo, discussão mais aberta do que aquela admitida pela religião, pela ciência e por algumas instituições.

Segundo a revista produzida para o Fórum Social Mundial de Porto Alegre/RS (janeiro de 2005), 'Nuances, trajetória de um grupo guei e lésbico em Porto Alegre', foram muitas as manifestações, tais como:

- Gueis agredidos por seguranças – 1996
- Jornalista faz declarações homofóbicas – 1997
- Lésbicas discriminadas em shopping – 1999
- GM discrimina funcionário guei – 2000
- Shopping do interior discrimina gueis – 2001
- Protesto contra publicação do Vaticano – 2003

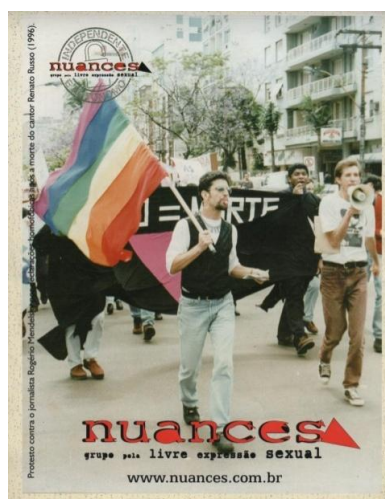


Figura 5 – Protesto contra o jornalista Rogério Meldesky por declarações homofóbicas após a morte do cantor Renato Russo 1996

Fonte: Revista produzida para o Fórum Social Mundial Porto Alegre/RS (jan. 2005)

Os casos citados são apenas alguns exemplos, mas foram inúmeras as denúncias feitas ao Nuances, que orientou, encaminhou e acompanhou cada caso. Segundo Cláudia Fonseca (2004), os direitos humanos são um campo de conflito,

de interpretações, de lutas simbólicas. Assim, “os atores políticos buscam instrumentalizar suas interpretações almejando adquirir legitimidade para suas ações ou posições”. Em 2004, através de um projeto, o Nuances conseguiu assessoria jurídica para casos de violação contra os direitos sexuais.

A importância do Nuances permitiu perceber que o conjunto das organizações do movimento é favorável à ideia de que os moradores da CEU deixaram a clandestinidade para buscar visibilidade pública para sua orientação sexual, sendo um meio para enfrentar e combater a exclusão e o preconceito.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi realizar um estudo sobre a diversidade, a orientação sexual, assim como as opiniões e as formas de viver a sexualidade de ex-moradores da Casa do Estudante Universitário, local em que se desencadeia a liberdade de expressão sexual.

Identifiquei – através de estudos, pesquisas e abordagens históricas sobre esses moradores, enfatizando o lugar – que muitos deles procuraram a formação universitária para poder investir e encaminhar suas vidas, em busca de um futuro profissional. Paralelamente, foram investigados movimentos que fizeram acontecer o debate para chegar ao que era de grande importância para moradores gays – a livre expressão sexual. Foi abordada também a política da sexualidade, formada por moradores, até chegar ao surgimento do Nuances, que vem há 20 anos debatendo a temática de forma independente no cenário político do Rio Grande do Sul.

Ressalto que este trabalho teve como objetivo maior aprender. Não sei se hoje sou uma pessoa melhor, mas seguramente sou uma pessoa diferente. É um caminho que abre outros caminhos, que abre outras opções e que me solicita tomada de decisões.

Ao se tornarem moradores de Casa do Estudante, os sujeitos desta pesquisa depararam-se com um contexto fundamental para a constituição dos significados atribuídos a essa vivência. A gênese desses significados encontra-se em movimentos e na visão de mundo disseminada na universidade e na sociedade. Pode-se entender esse complexo universo de moradia estudantil como uma problemática social, na qual se evidencia a desigualdade vivenciada pelo sujeito. O espaço de uma moradia estudantil é propício para discussões políticas, para a busca de necessidades coletivas, e nessas buscas os encontros são diferentes em alguns aspectos e muito semelhantes em outros, como na busca da orientação sexual e na formação de grupos, conforme ocorreu com o movimento Nuances.

A partir de uma consciência crítica, política e social, os moradores – como integrantes de um grupo específico, nesse caso, os homossexuais – criaram formas eficazes de luta e reivindicação, capazes de promover mudanças significativas em sua condição social. Considerando que a dialética existe no processo de inclusão e exclusão, que se caracteriza por ser ao mesmo tempo objetivo (desigualdade social) e subjetivo (vivência própria que cada um tem desse processo), compreende-se a

CEU como amplamente sujeita à produção de significados e sentidos diversos e contraditórios.

É imperativo que se desenvolvam meios para atuar nesse contexto, principalmente devido aos riscos e às perdas pessoais e acadêmicas que resultam, não só para estudantes moradores e sua família, mas também em termos de recursos públicos investidos no ensino e na moradia desses jovens. Estar instrumentalizada para a realização deste trabalho foi importante para que possa ser revisto o espaço em que a diversidade se faz presente: gênero, etnia, cultura etc. Isso permite que o conhecimento traga novas configurações existentes entre essa comunidade, os moradores da CEU.

Ter buscado histórias com conteúdos de escolha de gênero trouxe-me uma constante inquietação para seguir outros trabalhos da esfera social, com saliências nas buscas de espaços e liberdade de ação.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, W. R. S. **Perspectivas do movimento de casas de estudantes (MCE) no contexto social**: uma abordagem histórica: da formação aos dias atuais. 2010. Disponível em: <<http://www.recantodasletras.com.br/artigos/2622447>>. Acesso em: 13 jun. 2011.
- BARROSO, F. L. A. Jornal do Nuances de Porto Alegre (RS): reflexão sobre os temas e as posições políticas difundidas por um veículo da imprensa homossexual brasileira. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 8., 2008, Florianópolis. **Corpo, violência e poder**: Homossexualidades no Brasil contemporâneo: práticas, saberes e experiências. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST46/Fernando_Luiz_%20Alves_%20Barroso%20_46.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2011.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- DUARTE, R. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 115, p. 139-154, mar. 2002.
- FORACHINE, M. **O estudante e a transformação na sociedade**. São Paulo: Ed. Nacional, 1965.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade 1**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1993.
- GOLIN, C. **Da patologia à cidadania** [mensagem pessoal]. 2011a. Mensagem recebida por <memartini@yahoo.com.br> em 23 mai. 2011.
- _____. **No CEU surge o primeiro grupo guei no RS** [mensagem pessoal]. 2011b. Mensagem recebida por <memartini@yahoo.com.br> em 18 jul. 2011.
- GROSSI, M. P. et al. (Org.). **Movimentos sociais, educação e sexualidades**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- GUILHON ALBUQUERQUE, J. A. **Movimento estudantil e consciência social na América Latina**: teoria e métodos sociológicos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- LOURO, G. L. Conhecer, pesquisar, escrever... **Educação, Sociedade & Culturas**, Porto, Portugal, n. 25, p. 235-245, 2007.
- MISKOLCI, R. Vivemos uma crise das identidades de gênero? In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 29., 2005, Caxambú. **Anais...** São Paulo: ANPOCS, 2005.
- MOTT, L. **O que você deve saber sobre homossexualidade**. Salvador: Secretaria da Justiça, Cidadania e Direitos Humanos da Bahia, 2008.

NUANCES-GRUPO PELA LIVRE EXPRESSÃO SEXUAL. **Nuances**: trajetória de um grupo guei e lésbico em Porto Alegre. Porto Alegre, 2005. 22 p. Revista produzida para o Fórum Mundial Social.

POCAHY, F. (Org.). **Rompendo o silêncio**: homofobia e heterossexismo na sociedade contemporânea: políticas, teoria e atuação. Porto Alegre: Nuances, 2007.

_____ (Org.). **Políticas de enfrentamento ao heterossexismo**: corpo e prazer. Porto Alegre: Nuances, 2010.

POERNER, A. J. **O poder jovem**: história da participação política dos estudantes brasileiros. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

RIOS, R. R. **O princípio da igualdade e a discriminação por orientação sexual**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2002.

TREVISAN, J. S. **Devassos no paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. Rio de Janeiro: Record, 2002.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

SILVA, A. R. P. da (Org.). **As casas de estudante da UFRGS**. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

VEIGA-NETO, A. **Foucault e educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2003.

APÊNDICE A – Entrevistas

Entrevista nº 1

Célio Golin, coordenador do Nuances e ex-morador da CEU (entrevista realizada oralmente)

Idade: 50 anos

Naturalidade: Pelotas, RS

Formação acadêmica: Graduação em Educação Física

Período de moradia na CEU: 1989 a 1993

“A importância da CEU é muito grande, pois na época era um lugar democrático onde reunia pessoas de vários locais do estado, país e exterior. Tinha para nós um ambiente que apesar do individualismo da correria de estudante, era a possibilidade de socialização para quem vinha de fora e para nós gays acabava tendo um significado especial. O espaço dos corredores, quartos, banheiros elevadores e o restaurante eram locais comuns a todas e todos, tínhamos neles como possibilidade de exercício da sexualidade. Foi neste ambiente que surgiu o Nuances”.

Entrevista nº 2

“Paulo”, ex-morador da CEU (entrevista realizada por e-mail)

Idade: 42 anos

Naturalidade: Iraí, RS

Formação acadêmica: Graduação em Artes Cênicas

Período de moradia na CEU: 1988 a 1993

“Ao mudar-me para a CEU, percebi que minha vida entrava em uma nova fase, pois eu entrara em uma universidade considerada muito boa pela porta da frente no primeiro vestibular. De início me deparei com uma estrutura nada parecida com minha casa, mas que tinha algo em comum com as ‘pensões’ por onde vivi durante o período do 2º grau em Santa Maria. Uma cama, um guarda-roupa e uma escrivaninha. O básico para um estudante. Será? A falta de dinheiro me obrigava, ao tomar o café manhã, a levar para o quarto um pão com manteiga e um copo plástico com leite achocolatado, que as funcionárias permitiam, pois deviam conhecer a situação dos estudantes. Os alimentos seriam consumidos à noite, durante a ceia, pois o jantar no RU era muito cedo e lá pelas 23h eu já estava com fome

novamente. Esta era uma prática comum, pois todos estávamos na mesma situação. O tempo quente, durante o verão, qualhava o leite e azedava a manteiga, não permitindo o consumo do alimento. Por sorte que depois de um tempo consegui comprar minha primeira geladeira. Foi o primeiro eletrodoméstico que consegui adquirir. Ele foi comprado de uma moradora que passava por dificuldades financeiras e que necessitava realizar um aborto, pois era uma gravidez indesejada. Após, consegui comprar minha primeira televisão e um vídeo-cassete duas cabeças com o qual assisti diversos filmes de arte que, acredito eu, acrescentaram à minha formação artística. Seguinte a estes o meu primeiro aparelho de som... ah, aí sim eu me sentia com tudo! Um fato interessante que não consigo esquecer: eu e meu colega de quarto pintamos as paredes e janelas transformando o visual do ambiente. Foi destaque entre os moradores e administração da casa. Além disso, o sábado era dia de faxina, dia de passar lustra móveis no guarda-roupas e cera no chão. O que queríamos dizer com estas ações? Se ali não era nossa casa, porque nos dedicávamos a ela como sendo? Talvez fosse uma tentativa simbólica de parecer estar em casa... uma forma teatral de concretizar um desejo. Em relação à sexualidade foi o momento mais decisivo e importante em minha vida. Os anos oitenta estavam bombando. A música regada a The Smiths, The Cure, eram as expressões máximas. Meu cabelo era curto e espetado, cheio de gel, eu me vestia de preto dos pés à cabeça. Uma forma de rebeldia ao 'sistema'. Algumas pessoas simplesmente antipatizavam com isto. Minha posição era contundente para a época. Me descobrindo como homossexual enfrentei diversas adversidades. Alguns moradores tinham verdadeira repulsa à minha conduta, que eu diretamente respondia com uma postura mais agressiva nos corredores da CEU. Talvez uma reação aos costumes vigentes e tradicionais. Lembro de uma assembleia da casa, realizada no DCE, onde discutíamos os problemas e a convivência entre os moradores... Fiz uma observação que denunciava a postura preconceituosa de um grupo de moradores em relação a uma moradora negra e me coloquei como futura vítima e fui aplaudido. Não esperava esta reação e no momento consegui observar que as pessoas aplaudiam meu discurso com as mãos abaixo do nível das cadeiras. Detectei neste momento que, apesar de concordar, muitas pessoas não conseguiam assumir suas posturas. Enfim, hoje penso que realizamos na época uma luta por liberdade e que hoje são desfrutadas por todos. Uma das posturas que eu tinha era de não esconder meu comportamento sexual. Após me relacionar ia ao banheiro

que ficava no corredor, de mãos dadas e com toalha na cintura. Esta postura era contundente e chocava muitas pessoas. A falta de privacidade no ambiente da CEU deixava tudo à mostra e, mesmo sem querer, muitas coisas se tornavam visíveis. Bom, vou parar por aqui, esperando ter contribuído com algo. Fiques à vontade pra fazer perguntas e aprofundar. Não sei se é bem por aí o que pretendes abordar. Talvez um bate-papo possa ser mais produtivo, afinal não sou bom nas letras...”

Entrevista nº3

“Roberto”, ex-morador da CEU (entrevista realizada por e-mail)

Idade: 44 anos

Naturalidade: Caxias do Sul, RS

Formação acadêmica: Graduação em Ciências Biológicas

Período de moradia na CEU: 1989 a 1990

“Morei na CEU por alguns anos a partir de 1989/1990... cheguei enfrentar a primeira seleção de homens na casa da rua São Manoel (mas não fui selecionado). Passei pela Ceupa e depois fui à CEU. Foi lá que iniciamos o Nuances (apesar de depois termos levado os materiais que ficavam nas estantes do quarto para a sede cedida do Gapa/RS); claro que houve uma mobilização coletiva em torno da ideia de formação de um grupo mais libertário em torno do tema das sexualidades (as nuances da sexualidade). Me graduei em Ciências Biológicas... atualmente faço Geografia mas tranquei e moro em Caxias do Sul... provavelmente terei de fazer transferência para a UCS caso a UFRGS não tenha uma extensão de Geografia na Serra.”

Entrevista nº4

“Marco”, ex-morador da CEU (entrevista realizada oralmente)

Idade: 32 anos

Naturalidade: Santa Maria, RS

Formação acadêmica: Graduação em Ciências Sociais

Período de moradia na CEU: 1999 a 2003

“Não participei de nenhum movimento dentro da CEU, por acreditar que poucas seriam as pessoas que pensavam como eu. Estou falando de movimento social/político, com enfrentamento e discussões sobre as questões que envolviam inclusive a administração central. Participei de vários debates no DCE, onde o

espaço era mais apropriado. Fizemos um grupo de gays e lésbicas da casa e discutíamos muito sobre nossos espaços na sociedade e na universidade. Não era um grupo fechado, mas também não conseguimos sair daquele espaço. Era muito bom, tínhamos o compromisso de trazer a cada encontro, livros, notícias, informações sobre nossa orientação sexual. Acredito que foi muito produtivo para nós, éramos sete e os encontros tinham uma frequência variável de acordo com a disponibilidade (provas, trabalhos e outros). Tomei conhecimento do Jornal Nuances nestes encontros, meu colega de quarto foi quem trouxe para o grupo a sua existência, pois não conhecíamos. Fomos para internet pesquisar e me lembro muito bem que abrimos uma cerveja depois outra e outra, sentíamos uma proteção contra o preconceito. Escrevemos para 'POA NOITE HOMENS' para obtermos informações da infecção do HIV. Também me recordo de um outro projeto 'GURIZADA – Saindo do armário e entrando em cena' Era esse nosso objetivo, conhecer, obtermos informações. Lembro que quando alguns curiosos moradores da CEU me perguntavam sobre como era ser gay (como se eu fosse um deficiente), se eu tinha conflitos, se minha família sabia ou se aceitavam, dizia que mais difícil que aceitar meus desejos e assumir minha identidade homossexual era saber que muitos que lá estavam também gostariam de se expressar e mostrar sua vida como eu, pois eu sabia da minha existência e isso que era o mais importante”.

Entrevista nº5

“Juliano”, ex-morador da CEU (entrevista realizada oralmente)

Idade: 29 anos

Naturalidade: Gramado, RS

Formação Acadêmica: Geologia

Período de moradia na CEU: 2000 a 2003

“Participei da AMCEU (Associação dos moradores da CEU) como colaborador, pois acredito na importância das decisões dos moradores em prol da melhoria do coletivo. A grande maioria dos moradores vive suas vidas e não pensa no hoje e muito menos no amanhã para os que entrarem na CEU, como espaço de vivência e continuidade de suas casas. Eu não me sentia à vontade no início, foi muito difícil, pois minha orientação sexual não me permitia ser eu mesmo. Muitas vezes procurava quem e como falar sobre minha vida, mas olhava ao redor e não encontrava espaço. Passaram dias, meses e a ansiedade aumentava. Foi então que

procurei a Direção da CEU para morar junto com uma menina que conversava comigo e parecia ter conflitos como os meus. Melhorou muito, pois o rapaz que era meu primeiro colega de quarto era um machista metido a gostosão. Nada a ver comigo! E assim foram passando meses, anos. Encontrei um grande amigo que cursava Psicologia também na UFRGS e começamos a namorar. Durou dois anos, ele foi fazer intercâmbio fora do país.

Não posso dizer que sofri homofobia na CEU, não chegava a tanto, mas o preconceito existia. Lembro que um dia fui tomar banho e chegou um cara e me pediu que desse um tempo no quarto que ele me avisaria quando estivesse terminado, ele ficou com receio que eu fosse assediá-lo. Em outra ocasião, após a janta de sábado que fizemos coletivamente na cozinha o grupo resolveu sair para tomar cerveja num bar na Lima e Silva, pois as que compramos tinham acabado. Um cara disse sutilmente que não iria se eu fosse, uma amiga me contou. Fiquei muito puto da cara e a turma se dividiu. Foram momentos que me marcaram, mas não fizeram cicatrizes. Fui muito feliz na CEU.

Entrevista com a Assistente Social Vera Schmitt

“Naqueles tempos mais antigos a questão sexual era escondida, negada, os que ‘saíam do armário’ eram duramente discriminados.

Alguns casos da CEU:

Morador com inteligência superior e aparência física de excepcional, cursando medicina com destaque. Estava em quarto para dois com o propósito de melhor socialização. Ele gostou da ideia de conviver com um colega e ofereceu aulas particulares gratuitas, das matérias que o morador desejasse. Constatamos que o primeiro, o segundo, e já não me lembro se o terceiro, pediram logo para trocar de quarto. O motivo alegado era que ‘o cara é difícil’. Os quartos individuais eram poucos e custamos a perceber que ele era homossexual.

Morador tímido, mal adaptado na CEU, com dificuldade nos estudos (baixo desempenho escolar pode ser motivo de saída da casa). Realizei algumas entrevistas com o objetivo de levantar o problema e oferecer alternativas. Nada fazia sentido. Tempos depois fiquei sabendo, por acaso, que ele dizia ‘ter se tornado homossexual’ para sobreviver na CEU.

Havia comentários não comprovados que moradores acolhiam discretamente, em seus quartos, pessoas do mesmo sexo que algumas vezes até pernoitavam.

ANEXO A – Instrumento de Pesquisa

Identificação

Idade;

Naturalidade;

Formação acadêmica;

Período de moradia na CEU.

Roteiro das entrevistas

Participa ou participou de movimentos sociais na defesa dos direitos humanos ou militou contra preconceitos sociais/sexuais?

Como foi a vivência na CEU como gay?

Sofreu preconceito homofóbico?

De que forma superou o preconceito?

ANEXO B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido*

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado e participar na pesquisa referente ao projeto intitulado 'Construindo uma cultura de acolhimento à diversidade sexual: trajetórias e vivências dentro da Casa do Estudante Universitário da UFRGS 1990-2010', desenvolvido por Maria Elisabete da Silva Martini. Fui informado, ainda, de que a pesquisa é coordenada pelo Prof. Dr. Fernando Seffner, a quem poderei contatar a qualquer momento que julgar necessário através do telefone 3308.3993 ou do e-mail fernandoseffner@gmail.com.

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que, em linhas gerais é mostrar o processo de criação do grupo Nuances, inserido dentro de uma dinâmica própria da Casa do Estudante da UFRGS.

Minha colaboração se fará de forma a prestar entrevistas, colaborar através de entrega de documentos referentes à pesquisa.

Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Porto Alegre, 2 de agosto de 2011.

Nome da pesquisadora: Maria Elisabete da Silva Martini

Assinatura:



Nome do participante: Célio Golin

Nome do orientador: Prof. Dr. Fernando Seffner

*Elaborado em duas vias, uma entregue para o participante e outra para o orientador.

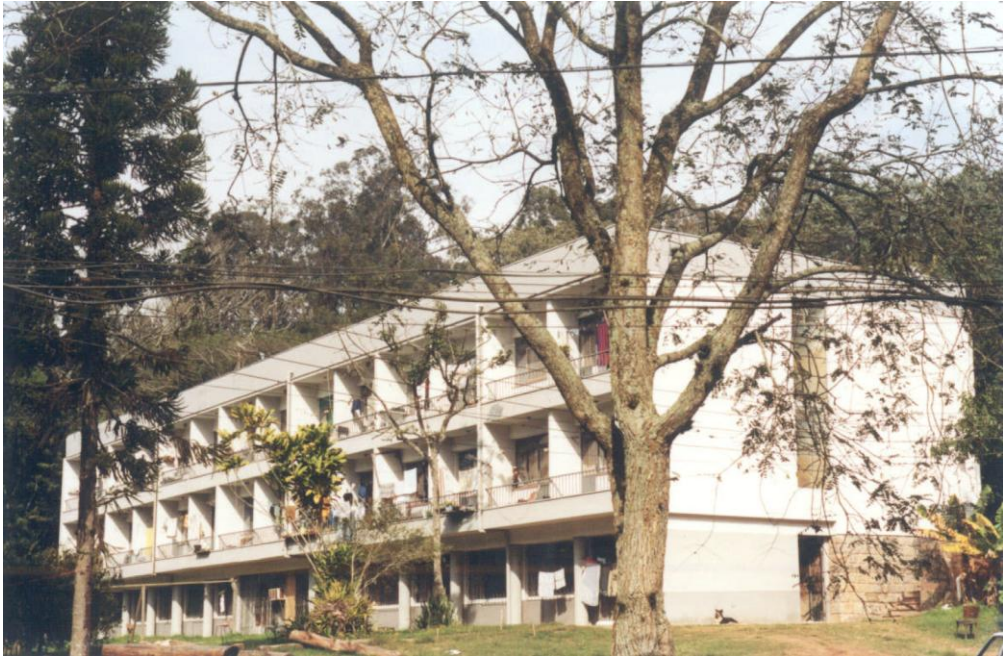
ANEXO C – Prédios das casas de estudantes da UFRGS



Casa do Estudante Universitário (CEU) – 2011



Casa do Estudante Universitário (CEU) – 1990



Casa do Estudante das Faculdades de Agronomia e Veterinária (Cefav) - 2000



Casa do Estudante da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CEUFRGS) - 2000